
A Escrita sobre Saída do Armário no YouTube: Reflexões entre Estética e Política¹

Pedro Augusto PEREIRA²
Tamires Ferreira COELHO³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Neste trabalho buscamos apresentar reflexões teórico-metodológicas que orientem nosso olhar para as narrativas compartilhadas no projeto Guardei no Armário, que reúne narrativas autobiográficas de pessoas LGBTQ+, sobretudo sobre os processos de aceitação e saída do armário, no YouTube e em um livro escrito por Samuel Gomes. Este texto foca na potência estética e política do projeto a partir das possibilidades de (re)existência através da subjetivação e da descolonização, aliadas à perspectiva rancièriana. Constatase que a visibilidade e invenção de modos de ser e dizer, que atravessam os âmbitos individual e coletivo, ao mesmo tempo se apropriam de uma plataforma moldada por regimes excludentes e podem ressignificá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Saída do Armário; Guardei no Armário; YouTube; Subjetivação; Estética.

INTRODUÇÃO

O canal Guardei no Armário surgiu no YouTube no ano de 2015, criado por Samuel Gomes – gay, negro, periférico e ex-evangélico – ao mesmo tempo como plataforma de divulgação do livro homônimo autobiográfico escrito por ele e lançado de maneira independente. O objetivo era reunir outras narrativas autobiográficas de pessoas LGBTQ+⁴ com foco nos processos de aceitação e saída do armário.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, políticas do corpo e gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA)-UFMT, membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Cidadania (CICLO). E-mail: pedroaaccp@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Cidadania (CICLO). E-mail: tamires.coelho@ufmt.br

⁴ Fazemos a opção por utilizar a sigla LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgênero, travestis e o + para abarcar outras identidades) tanto para destacar aquelas identidades que mais comumente vivenciam o processo de “saída

“Sair do armário” é uma expressão que já há muito tempo vem associada a pessoas LGBTQ+ como sinônimo de “assumir-se” ou “anunciar-se” como tal, viver abertamente sua sexualidade e/ou identidade de gênero entendida como dissidente, fora da norma cis-heterossexual, a partir de um anúncio público. Embora haja na própria plataforma YouTube diversos exemplos de vídeos feitos com o objetivo “saída do armário”, nesse sentido de anúncio público, no *Guardei no Armário* – tanto no canal quanto no livro – o sair do armário é tratado de forma diferente, como um processo, (re)elaboração de si e subjetivação marcada por violências e enfrentamento delas.

As narrativas reunidas por Samuel – bem como a sua própria, contada no livro – e compartilhadas no *Guardei no Armário* dão conta de uma “saída do armário” que, além de se configurar como processo – e não como mero anúncio – dá conta de algo que se mostra ao mesmo tempo individual e coletivo dos diferentes sujeitos, de um encontro e aproximação de narrativas que são específicas de cada um, mas que são também compartilhadas por uma coletividade.

Partimos de uma pesquisa de dissertação cujo objetivo é “compreender de que modo vínculos e compartilhamentos de narrativas constituem o projeto *Guardei no Armário* na construção de subjetividades e coletividades políticas”. Neste trabalho buscamos apresentar reflexões teórico-metodológicas que orientem nosso olhar para as narrativas compartilhadas no *Guardei no Armário* com foco em sua potência estética e política a partir das possibilidades de (re)existência através da subjetivação e da descolonização, aliadas à perspectiva rancièriana.

ESCRITA E SUBJETIVAÇÃO: PRÁTICAS DE LIBERDADE

Grada Kilomba (2019) estabelece que escrever é um ato político. Narrar a própria história é, para aqueles a quem o lugar de sujeito é negado, enfrentar o consenso colonial que dita quem fala/escreve/descreve e quem apenas é descrito, tido como objeto e não como sujeito (KILOMBA, 2019). Estando inseridos – todos nós – em um sistema patriarcal, colonial e supremacista branco (hooks, 2019; 2020), nossas sociedades se

do armário” quanto por ser consenso entre os movimentos políticos. Em algumas citações aparecerá também a sigla LGBTQIA+ (como a anterior, mas contendo *queer*, intersexo e assexuais), utilizada no livro *Guardei no Armário*; embora esta venha sendo a sigla mais utilizada atualmente pela mídia e pelos próprios movimentos, ainda existem “disputas” (acadêmicas e políticas) sobre, por exemplo, se faz ou não sentido a inclusão do *queer* como identidade.

organizaram de modo a garantir o lugar de sujeito, o direito à voz e à existência plena a um seletivo grupo de indivíduos com marcadores específicos de gênero, raça e classe (RIBEIRO, 2019): homens (cisgêneros), brancos e heterossexuais com privilégio de classe.

Samuel Gomes (2020) escreve e fala a partir de um lugar que não lhe dá automaticamente o status de sujeito, sendo gay, negro, periférico e sem qualquer privilégio de classe. Escrevendo, ele busca tornar-se sujeito (KILOMBA, 2019), um ato carregado de um intrínseco desafio à lógica colonial que silencia ele e seus semelhantes. Considero que esses sejam alguns pressupostos importantes para compreender o *Guardei no Armário*, que anuncia a que veio já no subtítulo da nova edição do livro: “Trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero” (GOMES, 2020). O *Guardei no Armário* é um trabalho (auto)biográfico de Samuel Gomes, mas não é apenas isso. Essa escrita de si (RAGO, 2013) se faz enfrentamento, luta, contra lógicas opressoras. Ação política por uma sociedade mais justa.

A escrita de si de que se trata, conforme Margareth Rago (2013) não é sinônimo de autobiografia ou simplesmente “falar de si”. Embora a escrita de si possa, e muitas vezes é o caso, ser autobiográfica – como é o caso do *Guardei no Armário* – ela deve ser antes compreendida como um trabalho sobre a subjetividade, de (re)elaboração da subjetividade.

Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que o “indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana (2008, p. 480). Nessa perspectiva, as tecnologias de si que objetivam o sujeito são problematizadas como formas de sujeição, ao vincular o indivíduo estreitamente à sua identidade, enquanto nas técnicas de si aqui trabalhadas há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, a partir de práticas da liberdade. (RAGO, 2013, p. 52).

Destaco de maneira especial a ideia das práticas de liberdade como oposição às formas de sujeição, estabelecida por Rago (2013), para a compreensão da saída do armário. Pensar a saída do armário limitada a um “anúncio público” aproxima essa experiência de uma forma de sujeição, como uma forma de confissão, objetivando os

sujeitos, ou seja, tratando-os como objetos (KILOMBA, 2019; RAGO, 2013), que apenas se enquadram em descrições feitas por outros e se submetem, se sujeitam, a julgamentos morais externos, em uma experiência voltada para fora (ORELLANA, 2008, p. 480 apud RAGO, 2013, p. 52). Proponho, então, em a partir de Grada Kilomba (2019) e Margareth Rago (2013), uma compreensão da experiência de saída do armário no *Guardei no Armário* – tanto no livro (GOMES, 2020) quanto na escrita audiovisual no YouTube – como voltada para dentro, como subjetivação e possibilidade de tornar-se sujeito.

Se ao escrever a primeira edição deste livro [o *Guardei no Armário*] o meu objetivo era mostrar o quanto ser gay, negro, ex-evangélico e periférico tinha me colocado em situações ruins, agora eu conto para vocês como essas características mudaram a forma como lido com o mundo ao meu redor. Minha sexualidade estava exposta para quem quisesse conhecer, eu tinha encontrado na literatura uma arma poderosa para dividir minhas angústias com outras pessoas e descoberto juto com elas que não estava sozinho. Conte a minha história para que ninguém passasse pelo que eu passei, para que as pessoas se aceitassem como são, bem como suas famílias e a Igreja. O canal no YouTube veio com o mesmo objetivo, e ainda mais democrático: a ideia era trazer outras vozes para falarem de si, da realidade das pessoas LGBTQIA+ no país que mais mata essa população no mundo. (GOMES, 2020, p. 9-10).

Nesse sentido, sair do armário tem mais a ver com uma reelaboração de sua subjetividade, abrir-se ao devir, reconstruindo verdades éticas próprias “escapando a formas às formas biopolíticas de produção do indivíduo” (RAGO, 2013, p. 52), de um padrão de corpo-subjetividade fundado na branquitude e na heterossexualidade viril (LUCAS LIMA, 2017) no qual os corpos bicha – e sobretudo bichas pretas – não têm lugar. Sair do armário passa por (re)construir uma subjetividade que desafia, apesar de tudo, as tentativas de sujeição do colonialismo, reposicionar-se, possibilitando uma descolonização do eu (KILOMBA, 2019).

Ao colocar-se em cena, é possível pensar em desarranjos e rupturas em relação aos lugares fixados a esses sujeitos (RANCIÈRE, 1995a; COÊLHO, 2018), como veremos a seguir, cuja base se dá em reiterações produtoras de gêneros e da heterossexualidade que, conforme Berenice Bento (2011), “são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2011, p. 552). Narrativas de saída do armário podem ajudar a borrar uma lógica de “confinamento dos ‘seres abjetos’ aos limites dos compêndios médicos e trazê-los à vida humana por uma

agulhada que marca um código abrasado a cada relatório médico que diagnostica um ‘transtorno’”, consolidando uma resistência à “desumanização do humano” que assegura “a reprodução da heteronormatividade” (BENTO, 2011, p. 554).

SUBJETIVAÇÃO E ESCRITA COLETIVA

O *Guardei no Armário* não se resume às vivências de Samuel. No YouTube, o canal surge quase exclusivamente com histórias de outras pessoas, entrevistadas por Samuel, em um formato que lembra o de documentários.

O primeiro vídeo que fiz foi com a minha amiga Vanessa, uma mulher cis negra que naquele momento se entendia como lésbica e hoje se encontrou como bissexual. Ali, criei o que viria a ser o estilo do canal por quase dois anos. Eu atrás da câmera como diretor, entrevistador e editor, enquanto do outro lado a pessoa contava sobre o seu processo de aceitação. (GOMES, 2020, p. 108).

Ao longo de sua existência o *Guardei no Armário* passou a explorar outros formatos de vídeos, mais próximos do que poderia ser considerado o “padrão YouTube”, seguido pela maioria dos *youtubers*, sejam mais amadores ou profissionalizados, inclusive. O quadro “Como saí do armário” – como foram nomeados os vídeos entrevistas sobre os processos de saída do armário – deixou de ser o único no canal *Guardei no Armário* e, atualmente, sequer há novos vídeos nesse formato no canal⁵. No entanto, o fato de o “quadro” ter perdido certa centralidade atualmente no conteúdo recente do canal, não muda o fato de que foi o objetivo central de Samuel Gomes ao entrar no YouTube: “a ideia era trazer outras vozes para falarem de si” (GOMES, 2020, p. 10).

Consideramos que há uma coletividade inerente à produção do *Guardei no Armário* nesse sentido, tanto por ser Samuel quem roteiriza a entrevista, filma e edita os vídeos e determina a estética, os destaques, elementos audiovisuais que compõem a escrita audiovisual aqui, como também pela potência do encontro da entrevista, pelo vínculo estabelecido entre Samuel e o(s) entrevistado(s)⁶. Entende-se o vínculo como

⁵ No início de 2020, Samuel chegou a anunciar o retorno dos vídeos nesse estilo, inclusive dizendo que havia conseguido montar um cenário fixo para gravação das entrevistas. Com a pandemia de covid-19, o “quadro” segue parado, sem novos vídeos.

⁶ Utilizamos um marcador de gênero masculino pois a pesquisa em desenvolvimento está centrada em um recorte composto apenas por vídeos de homens gays.

central (BORGES, 2020) e facilitado pelo compartilhamento de marcadores interseccionais entre os sujeitos que se encontram no processo de entrevista (KILOMBA, 2019).

A escrita, as narrativas do *Guardei no Armário* são, em alguma medida, compartilhadas. Para Jacques Rancière, “*Partilha* significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões” (RANCIÈRE, 2009, p. 7, grifo do autor)⁷. A partilha do sensível envolve expectativas e lugares fixos atribuídos, mas também a reorganização de trajetos e práticas de aparição e enunciação, “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2009, p. 16). Desse modo, “o sensível pode ser percebido em momentos de desarranjo da funcionalidade dos gestos e dos ritmos adaptados aos ciclos naturais da produção, da reprodução e da submissão” (MARQUES; AZEVEDO, 2016, p. 81).

Cada um – entrevistador e entrevistado, mas também outras pessoas que tenham contato com os vídeos ou o livro – empreende uma prática de subjetivação (RAGO, 2013), através da saída do armário, que é própria, mas ela é também coletiva e atravessada por outras. O processo de subjetivação envolve a dimensão de desidentificação diante de uma estrutura racista e cis-heteronormativa, reconfigurando a experiência (RANCIÈRE, 1995a).

A expressão “lugar de fala”⁸ ainda não havia se popularizado [quando da criação do canal], mas eu compreendia que o processo de *escuta* e a *troca* de vivências que havia tido na ONG Projeto Purpurina poderiam fazer parte desse momento com o canal. (GOMES, 2020, p. 108, grifos nossos).

A *escuta*, a *troca*, a *partilha* – especialmente em seu sentido de coletivo – e os afetos são centrais na constituição do *Guardei no Armário*. No trecho citado acima, Samuel Gomes destaca a organização Projeto Purpurina, coletivo LGBTQIA+ do qual participou e que destaca como um elemento importante na sua trajetória de aceitação e saída do armário (GOMES, 2020). Do mesmo modo, o ambiente online, salas de bate-papo virtuais, blogs, redes sociais digitais e mesmo sites de conteúdo pornográfico são

⁷ Texto publicado originalmente na obra *Políticas da Escrita* (RANCIÈRE, 1995b) e reproduzido na “Nota da Tradução” da obra referenciada.

⁸ Hoje bastante discutida a partir de Ribeiro (2019).

apontados por Samuel Gomes e por vários dos entrevistados no canal como tendo papel nessa (re)elaboração subjetiva da saída do armário. Entender que não se passa por isso – conflitos, exclusão, violência, silenciamento – sozinho é destacado como uma espécie de primeiro passo na jornada de saída do armário (GOMES, 2020). A aceitação e a saída do armário da qual tratam os sujeitos no *Guardei no Armário* parece apontar para a possibilidade de existências LGBTQIA+ como “pessoas coletivas” (KRENAK, 2019), contribuindo com o processo de descolonização do eu do qual fala Grada Kilomba (2019), em oposição à noção colonizadora, eurocêntrica e neoliberal (RAGO; PELEGRINI, 2019) do indivíduo. Ainda que Krenak traga como foco de suas reflexões a reconfiguração, ruptura e desestabilização das relações (ocidentais) entre seres humanos e natureza, é possível pensar a partir dele uma perspectiva circular, que recusa uma mirada linear (assim como Rancière), essencialista e individualizante, para pensar o lugar que se ocupa no mundo de modo complexo, interdependente.

A subjetivação, para Rancière, inclusive remete

[...] a uma figura política coletiva, não individualizada, problematizando o processo de universalização de atores particulares, em situações de luta particulares, sob a forma da constituição de um sujeito plural, coletivo, não redutível à demanda de uma comunidade de sujeitos pré-identificados (através das categorias de classe, raça, sexo, ou pelas categorias socio profissionais). É um tipo de subjetivação que envolve o jogo de enunciação e a forma como os indivíduos aparecem na cena pública de modo a questionar o pressuposto da igualdade. (COELHO, 2018, p. 146).

Ailton Krenak (2019) lembra que viver e conservar as subjetividades também é um ato político fundamental no nosso tempo. Segundo o autor, existe uma ânsia por consumir subjetividades de modo que se tenta estabelecer uma “humanidade com o mesmo protocolo” e devemos ser capazes de “manter nossas poéticas sobre a existência” (KRENAK, 2019, p. 15-16). Samuel Gomes faz um chamado no *Guardei no Armário*: “Vamos pertencer e nos encontrar *juntos*, sempre mais fortes” (GOMES, 2020, p. 141, grifo nosso).

TESTEMUNHO, ESTÉTICA E O YOUTUBE

O YouTube se configura, segundo Kárin Klem Lima e Analice de Oliveira Martins, como uma plataforma marcada por uma estética amadora que diminui “as distâncias entre emissor e receptor nesse processo comunicacional, conferindo ao material a ideia de acessibilidade do espectador em relação ao emissor” (LIMA; MARTINS, 2016, p. 3), que se mantém mesmo diante do cenário de profissionalização dos chamados *youtubers*. Sob o lema “transmita a você mesmo”, o YouTube se tornou um espaço privilegiado para a exibição de si por meio de pequenas autobiografias descrevendo experiências, apresentando impressões e mesmo análises (COSTA, 2009, p. 206). O formato original do *Guardei no Armário*, embora voltado a autobiografias em vídeo, se distancia dessa estética focada no indivíduo e em suas impressões geralmente ressaltada pelos *vlogs*. A plataforma do Youtube, no caso das narrativas de saída do armário, faz parte de um processo maior de subjetivação, no caso das bichas pretas.

O YouTube parece se associar muito bem ao que Rancière (2009, p. 48) aborda sobre revolução estética, que é, antes de tudo, a “glória do *qualquer um*” (grifo do autor), com um potencial político de subversão de regimes de visibilidade. Segundo Jacques Rancière (2009), essa revolução estética começa na literatura e só depois chega à fotografia e ao cinema (e, conseqüentemente, ao YouTube) e mesmo à Ciência.

Passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. (RANCIÈRE, 2009, p. 49).

No entanto, vale ressaltar também que há movimentos e esforços constantes de cooptação desse potencial político na plataforma, a partir de lógicas algorítmicas que atualizam e estruturam quem e o quê pode circular mais facilmente, ou é mais valorizado, reordenando as possibilidades de viralização e limitando o alcance de narrativas como aquelas que habitam o canal do *Guardei no Armário*. Não há como desconsiderar os processos de celebração ou de ganho de capital simbólico-midiático, de hierarquização de papéis dentro dessa rede social, que tendem a manter bichas pretas à margem ou restringindo a circulação dessas narrativas em “bolhas”. Quem tem capital simbólico fora do YouTube também pode ser privilegiado na plataforma, já que o status em outros

espaços pode interferir na esfera de visibilidade de algumas pessoas que se destacam nos vídeos.

Os testemunhos no *Guardei no Armário* são, essencialmente, testemunhos de sujeitos *quaisquer*, não havendo no canal ou no livro qualquer relato de “grandes personagens” (considerando-se um público massivo ou lógicas hegemônicas de visibilidade), de pessoas que tradicionalmente são compreendidas hegemonicamente como as que fazem História (com H maiúsculo). Ainda que alguns “personagens” que integrem o projeto sejam amplamente conhecidos na internet e fora dela, com milhares ou milhões de seguidores, como Eduardo e Felipe, do canal *Diva Depressão*⁹, e Pedro HMC, criador do canal *Põe na Roda*¹⁰, não é possível equiparar esses sujeitos e seus relatos, por exemplo, à “saída do armário”¹¹ do governador do estado do Rio Grande do Sul (RS), Eduardo Leite, em uma entrevista na TV Globo. Um governador de estado brasileiro não é *qualquer um*.

Também, embora seja claramente amadora e com marcas de edição típicas do YouTube, como o uso de vinhetas de abertura que introduzem os vídeos e, posteriormente, até bordões – “e aí, galera do *Guardei no Armário!*”, dito por Samuel em todos os vídeos a partir de certo ponto do canal –, a construção estética dos vídeos, especialmente no início, se aproxima muito do cinema documental. Ela pode ser, inclusive, compreendida como uma marca dessa coletividade que permeia o *Guardei no Armário*: Samuel participou da produção de um documentário dirigido por um amigo, baseado em entrevistas, enquanto escrevia o livro e pouco antes de pensar o canal (GOMES, 2020) e parece ter trazido para o YouTube frutos dessa experiência, não apenas profissional como afetiva¹².

Tanto no livro quanto no canal, o *Guardei no Armário* é primordialmente constituído de testemunhos. Segundo Rancière (2009, p. 57), a partir da “revolução estética”, o testemunho e a ficção passam a pertencer ao mesmo regime de sentido, de modo que não haveria mais uma fronteira clara entre história e poesia, entre pensar “o

⁹ Vídeo no *Guardei no Armário* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8NAjow3OOA>; Canal *Diva Depressão* disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCMpWpGXG8tlWA6Xban2m6oA>

¹⁰ Vídeo no *Guardei no Armário* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vBTpo1BXfKY>; Canal *Põe na Roda* disponível em: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>

¹¹ Coloco entre aspas uma vez que, no caso de Eduardo Leite, se evoca a ideia do sair do armário como mero anúncio público.

¹² O contato com esse amigo, a partir de um conto escrito por ele com protagonismo de um processo de saída do armário, foi fundamental no processo do próprio Samuel. Além disso, a irmã de Samuel foi convidada por ele para ser umas das entrevistadas do documentário e Samuel chegou a se apaixonar pelo amigo (GOMES, 2020).

que sucedeu” e “o que poderia suceder”, entre o empírico e a ordenação (ficcional) de ações. É importante pontuar que a compreensão que Rancière (2009, p. 54) apresenta de “ficção” não é sinônimo de “falso” ou “mentira”, referindo-se, antes, a uma ordenação e coordenação de atos e signos que não se dá no empírico – no qual os acontecimentos não possuem ordenamento – sendo que “O real precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2009, p. 58).

Não se trata pois de dizer que a “História” é feita apenas de histórias que nós nos contamos, mas simplesmente que a “razão das histórias” e as capacidades de agir como agentes históricos andam juntas. A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. (RANCIÈRE, 2009, p. 59).

O que interessa a Rancière (2009, p.283) não é a oposição entre real e ficcional, mas entender como o trabalho da ficção busca um modo de enquadrar e pensar enunciados, objetos e acontecimentos “em termos de multitemporalidade, de plots entrelaçados”. O que ele propõe é olhar para as formas tradicionais de escritura da história - as formas de apresentação das situações, de agenciamento dos enunciados, as formas de construção das relações entre causa e efeito ou entre antecedente e conseqüente – de outro jeito, questionando os formatos tradicionais e hierárquicos de visibilidade e inteligibilidade. (MARQUES *et al*, 2020 p. 248).

A perspectiva do reenquadre rancièriano, abordada por Ângela Marques *et al*. (2020), remete ao modo de escrita e apresentação de situações:

A cena de dissenso, explica ele, é a escolha e a ordenação ficcional de uma singularidade a partir da qual se pode “fazer aparecer o que não aparecia, ou de fazer aparecer de forma diferente o que aparecia sob um certo modo de visibilidade e inteligibilidade.” (2018b, p.14). Ele deseja, como exposto no livro *La Méthode de la Scène*, evidenciar a continuidade de tempos e espaços que se amplificam em uma forma de encadeamento não linear e não representativa (MARQUES *et al*, 2020, p. 250).

Compreender esses testemunhos, essas histórias contadas no Guardar no Armário, como formas de “auto ficção” não significa, então, retirar delas sua realidade, mas elaborar uma constituição espaço-temporal. Possibilita observá-las como enunciados políticos literários capazes de, ao ficcionalizar e pensar o real, fazer efeito sobre esse real (RANCIÈRE, 2009, p. 59). Ao contar o que sucedeu nos processos de saída do armário,

os sujeitos desses testemunhos também pensam e possibilitam pensar o que *poderia* suceder, recolocando em questão ordens de pensamento, estruturas sociais opressoras (KILOMBA, 2019; TREVISAN, 2018) naturalizadas, uma partilha já dada que está em xeque (RANCIÈRE, 2009).

Entendi com o tempo que este não era um livro, era meu manifesto por um maior reconhecimento e visibilidade para pessoas iguais a mim, pretos, periféricos, gays afeminados, com a fé no homem ou em Deus abalada, Sinto até hoje uma força gigante para manter esse projeto de pé e não faço ideia de onde ela vem. Talvez da vontade de que ninguém mais precise sofrer para ser quem é. (GOMES, 2020, p. 10).

Analisar os testemunhos a partir de sua potência de instauração do “tempo da rêverie” ou do “devaneio fabulador” de Rancière (MARQUES et al, 2020), da capacidade de fabulação acionada por essas narrativas de saída do armário, pode ser um primeiro passo para compreensão da experiência desses sujeitos, de outros regimes de visibilidade proporcionados por ela e do surgimento de cenas de dissenso. Marques et al. (2020, p. 251) destacam que “a situação presentificada pela cena revela uma construção de pensamento que aparece como um tipo de corte instantâneo na partilha do sensível. É como se disséssemos: em um dado contexto, eis o que é visível e, como consequência, o que é pensável”. A ruptura com a estrutura racista e cis-heteronormativa passa pela fabulação, pela elaboração e circulação dessas narrativas de saída do armário, não apenas para quem constrói e dá contorno ao testemunho, mas também por materializar outras formas de visibilidade e legibilidade que envolvem desejos, vidas e subjetividades tolhidas pelas normas sociais hegemônicas.

CONSIDERAÇÕES

As narrativas de saída do armário no YouTube, analisadas a partir de sua potência de criação de cenas polêmicas de dissenso, envolvem processos de subjetivação política e de fabulação. A visibilidade e invenção de modos de ser e dizer, que atravessam os âmbitos individual e coletivo, ao mesmo tempo se apropriam de uma plataforma moldada por regimes excludentes e podem ressignificá-la.

Buscamos, aqui, orientar nosso olhar durante a pesquisa de modo que, conforme propõe bell hooks (2019), seja imbuído de uma atitude revolucionária, que procure

romper com modelos hegemônicos de ver e pensar e que possibilite imaginar e descrever de forma libertadora. Se a prática do *Guardai no Armário* aponta para um compromisso de rompimento e descolonização (KILOMBA, 2019), o olhar de quem busca compreendê-lo deve estar também pautado por essa perspectiva.

Não existe escrita sem significação, segundo Rancière (1995b, p. 7), para quem “o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação”, não é um ato automaticamente político, mas apenas quando se compromete com a “partilha do sensível que dá forma à comunidade”, a fabular e “re-dividir”, reconfigurar posições. Tornar-se sujeito é uma reconfiguração de posição, uma passagem da posição de objeto à posição de *sujeito* (KILOMBA, 2019). Quando subjetividades, corpos e pessoas são apontados, tolhidos e excluídos pelo heteroterrorismo (BENTO, 2011), são forçados a uma vida “dentro do armário”, como objetos, diante de constantes processos de sujeição (RAGO, 2013) que buscam conformá-los à cis-heteronorma (ou destruí-los).

Sair do armário, enquanto processo de subjetivação – e recusa e enfrentamento da sujeição –, dá conta de sujeitos que assim se fazem, que se (re)elaboram e (re)descobrem, possibilitando outras maneiras de ser que ultrapassam as imposições da cis-heteronormatividade colonial. No entanto, esse é um processo constante, um trabalho contínuo sobre si, que Samuel Gomes (2020) evidencia em seu testemunho no livro, tanto se referindo à dificuldade em enfrentar lógicas opressoras internalizadas e naturalizadas por ele próprio, quanto em relação, por exemplo, ao racismo e à misoginia ainda tão presentes na “comunidade gay”.

Pretende-se problematizar futuramente em que medida os modos de sujeição e subjetivação atravessados pela plataforma, no caso das bichas pretas no *Guardai no Armário*, são permeados ou desafiam um discurso individualizante neoliberal, possibilitam a constituição de contracondutas, construindo-se inventivamente no mundo (RAGO; PELEGRINI, 2019). Afinal, comportamentos homofóbicos e racistas que habitam as redes sociais oferecem riscos à escrita coletiva. Simultaneamente, justamente por habitarem as redes, reforçam o caráter de resistência de narrativas como as que são analisadas por esta pesquisa e o potencial de subjetivação nesses espaços.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 549-559, 2011.
- BORGES, Rosane. Traduções - Ep. 9: Rosane Borges. [S. l., s. n.], 4 ago. 2020. 1 vídeo (1h 13min 55s). Publicado pelo canal Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vUTsB6cVZWQ>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- COÊLHO, Tamires Ferreira. **Sertanejas conectadas**: autonomia e escrita de si de mulheres do Sertão do Piauí no Facebook. 2018. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2018.
- COSTA, Bruno. “Personagens de si nas videografias do YouTube”. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n. 2, maio. / ago. 2009, p. 206 - 219. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/958/898. Acesso em: 26 jan. 2020
- GOMES, Samuel. **Guardei no armário**: trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero. São Paulo: Paralela, 2020.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LIMA, Kárin Klem; MARTINS, Analice de Oliveira. “Videografias de si”, narrativas de nós: a intimidade compartilhada em Jout Jout Prazer. In: Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. [S.l.], v. 5, n. 1, jun. 2016. **Anais...** 2016. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/10636/9398. Acesso em: 17 mar. 2020.
- LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras**: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador. Editora Devires, 2017.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro et al. Fabular imagens intervalares e montar imagens sobreviventes: aproximações e diferenças entre os métodos de Rancière e Didi-Huberman. **Logos**, v. 27, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/49270/33920> . Acesso em: 8 ago. 2021.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; AZEVEDO, Agatha Souza. O potencial comunicativo do rosto: uma relação entre arte e política na fotografia. **Revista Comunicação Midiática**, v. 10, n. 2, p. p. 76-91, 2016.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício. (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultinas. São Paulo: Intermeios, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **La Méésentente**: politique et philosophie. Paris: Galilée, 1995a.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.